

Mensagem: uma leitura (estrutura e dimensão simbólica)

Apesar de os poemas de *Mensagem* terem sido escritos ao longo de cerca de vinte e um anos, a sua organização, enquanto produto final, obedece a uma lógica cuidadosamente estruturada e de acordo com o ciclo da vida: nascimento/crescimento, realização e morte. E todos os heróis e reis que desfilam na obra, desde o mito fundador ao Encoberto, são solidários numa mesma empresa – o cumprimento de um dever divino.

A obra abre com uma epígrafe em latim – *Benedictus Dominus Deus Noster qui dedit Nobis Signum* (Bendito Deus Nosso Senhor, que nos deu o Sinal) – que, inequivocamente, nos aponta quer para a presença do elemento cristão, quer para a heroicidade do povo português, povo eleito por Deus, para cumprir uma missão grandiosa, que o poeta reconhece como sendo uma dádiva divina.

As três partes que constituem a macroestrutura do poema – *Brasão, Mar Português, O Encoberto* – abrem, igualmente, com uma epígrafe e cada uma delas corresponde a um dos momentos fundamentais da História de Portugal: o seu nascimento, a sua realização no contexto mundial e o seu declínio.

Na primeira parte, a epígrafe *Bellum sine bello* (Guerra sem guerra) remete para a idealidade de uma pátria que se constrói pelo sonho e pela vontade inabalável de um povo eleito. Assim, os dezanove poemas que integram a primeira parte enaltecem as figuras ligadas à fundação mítica (*Ulisses*) ou histórica do país (*D. Afonso Henriques*, entre outros), bem como aquelas que foram essenciais na definição da personalidade nacional (*D. Dinis, O Infante D. Henrique*, entre outros).

O título dado a esta primeira parte – *Brasão* – é revelador da essência deste momento do poema, uma vez que brasão é a marca distintiva de uma família, tal como as personalidades aqui cantadas se distinguiram ao marcarem o nascimento e a evolução da nação. *Brasão* constitui-se, assim, como a marca identitária da personagem central do poema, Portugal, embora o Brasão descrito seja, na opinião de António Cirurgião, o do Infante D. Henrique e não o de Portugal.

As cinco subpartes de *Brasão* – *Os Campos, Os Castelos, As Quinas, A Coroa, O Timbre* – correspondem aos vários elementos que integram o brasão que simboliza Portugal.

É assim que António Cirurgião explica a estrutura de *Brasão*:

Cada uma das secções é constituída por tantos poemas quantos são os elementos representados pelos componentes do brasão. Assim há dois poemas para os campos: o dos castelos e o das quinas; há sete para os castelos, por, de acordo com a história e a tradição, sete serem os castelos que D. Afonso III tomou aos mouros em 1249, por ocasião da conquista definitiva do Algarve; há cinco para as quinas, por cinco serem as chagas de Cristo que essas quinas emblematicamente representam no escudo do Infante D. Henrique (e no de Portugal); há um para a coroa; e há três para o grifo, sendo um para a cabeça e dois para as asas.

Mar Português, a segunda parte do poema, é constituído por doze poemas que glorificam a saga dos descobrimentos e a construção do grande império marítimo de quinhentos, daí a epígrafe escolhida, *Possessio Maris* (A posse do mar). Os poemas de *Mar Português* evocam as



grandes figuras da aventura marítima dos séculos XV/XVI (*O Infante, Padrão, Fernão de Magalhães, Ascensão de Vasco da Gama*) ou os momentos mais marcantes dessa epopeia (*O Mostrengo, Ocidente, Mar Português*). No entanto, o último poema desta segunda parte (*Prece*) deixa já adivinhar a decadência e o desencanto que perpassam nos textos de *O Encoberto*, bem como a esperança de que Portugal caminhe para uma nova era, não já marcada pelas conquistas geopolíticas e pelas descobertas dos mares, mas imbuída de um espírito de renovação espiritual e cultural.

A escolha do título desta segunda parte tem uma justificação evidente: foi no mar que Portugal atingiu a sua maturidade e se realizou enquanto povo e nação.

Finalmente, a última parte – *O Encoberto* – abre com a epígrafe *Pax in Excelsis* (Paz nas Alturas) e integra treze poemas organizados em três subpartes: *Os Símbolos, Os Avisos, Os Tempos*.

Historicamente, os poemas, incluídos nesta terceira parte, situar-se-iam após o desastre de Alcácer Quibir, que conduziu ao inevitável descabro do império e à descaracterização do país. Não esqueçamos que muitos destes textos foram escritos durante o período conturbado da Primeira República, época em que o país viveu momentos difíceis, igualmente marcados pela dispersão e pela falta de valores éticos, momentos que o próprio poeta vivenciou.

O fio condutor dos poemas desta terceira parte baseia-se na denúncia da passividade e do desencanto do presente e na necessidade de fazer renascer Portugal através da construção de um novo império, o Quinto Império, caracterizado pela expansão eterna e universal da língua e cultura portuguesas, daí a razão da epígrafe que a inicia.

Partindo do pressuposto acima enunciado, poder-se-á compreender os subtítulos e o título da terceira parte de *Mensagem*. Assim, em *Os Símbolos* são referidos figuras/conceitos que marcaram o passado e que são essenciais à construção do novo Portugal; em *Os Avisos*, estão presentes duas personalidades – Bandarra e António Vieira – que, aliadas à voz do poeta, são figuras que transmitiram, nas suas épocas, uma visão profética e mística do Portugal futuro; finalmente, em *Os Tempos* (que prenunciam um novo tempo), os poemas organizam-se desde o negro da *Noite* (a dor do presente) até ao promissor *Nevoeiro*, aquele que envolve o Desejado/o Encoberto e que encerra em si a esperança de um novo Portugal, ânsia presente na exclamação final: *É a hora!*

Para uma leitura mais profícua dos poemas de *Mensagem*, convém, ainda, esclarecer alguns conceitos que atravessam toda a obra: herói, sebastianismo e Quinto Império.

Em *Mensagem*, o conceito de herói distancia-se do tradicional conceito épico presente, por exemplo, em *Os Lusíadas*.

Na verdade, enquanto no poema camoniano o herói é feito de “carne e osso” e, à medida que vai ultrapassando os vários obstáculos, eleva-se a uma dimensão divina, no poema pessoano, o herói reveste-se, desde logo, de uma dimensão mítica, presente ao longo de todo o seu percurso. O herói é escolhido por Deus, um eleito, a quem é conferida uma missão que deve ser cumprida. Daí que o sujeito poético afirme, no poema *O Infante*, “*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*”. Ou seja, o herói de *Mensagem* avança impelido por uma força divina que o habita, mas que, simultaneamente, o transcende, e, perseguindo o sonho, este herói cumpre a tarefa para a qual foi talhado.

Outro vetor estruturante de *Mensagem* é o inovador conceito pessoano de sebastianismo. Com efeito, Pessoa não nega o anterior conceito de sebastianismo nem o de messianismo a ele inerente, mas confere-lhe uma roupagem nova. Não prescindindo da figura inspiradora do rei, Pessoa retira ao sebastianismo o seu carácter estático, voltando-o para o futuro e transformando-o na principal mola impulsional, a par do sonho e da poesia, da construção de um novo Portugal, aquele que encabeçará o Quinto Império.



85 Sublinhe-se que o mito do Quinto Império não é uma criação pessoana, remontando aos tempos da Bíblia. [...]

Embora o mito do Quinto Império não entre no imaginário nacional pela mão de Pessoa (cf. com os poemas *O Bandarra* e *António Vieira* pertencentes a *O Encoberto*), é ele que lhe confere a sua verdadeira dimensão nacional. Assim, para Pessoa, o ressurgimento de Portugal não passaria por uma dimensão material e geopolítica, mas partiria da difusão da língua e cultura portuguesas, difusão operada pelo poder da poesia e do sonho.

A originalidade de Pessoa vai ainda mais longe, ao afirmar, em outros textos teóricos, que o líder deste império seria não um guerreiro, mas um Super-Camões, sem dúvida, Pessoa ele mesmo.

95 *Mensagem* configura-se, assim, não só como um texto de fervor patriótico, mas, sobretudo, como o esboço de uma nova ideia de pátria marcada pela espiritualidade, pela poesia e pelo poder da força da língua, ilustrando de forma inequívoca as palavras de Bernardo Soares:

"Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa."

BRAGA, Zaida, e RAMOS, Auxília, 2010. "Introdução". In PESSOA, Fernando, 2010. *Mensagem*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico (pp. 7-13)

